

## ORALIDADE E GÊNEROS DISCURSIVOS ESCRITOS NA/DA WEB

---

*Elaine Cristina Forte-Ferreira (UFERSA)*

*Vicente de Lima-Neto (UFERSA)*

*Leiliane Aquino Noronha (UFERSA)*

### **Considerações Iniciais**

São inegáveis as influências das tecnologias digitais nos mais diferentes campos de atividade humana nos últimos trinta anos. Trata-se de profundas mudanças culturais e comportamentais que apontam para a maneira como nos relacionamos no mundo hoje, desde as formas mais primitivas de comunicação, como a conversa face a face, até complexas maneiras de interagir, cuja realização só é possível pelo conjunto de diferentes mecanismos tecnológicos digitais que precisam estar em perfeito funcionamento, como a comunicação possibilitada pelo aplicativo *WhatsApp*, por exemplo.

Amparados numa perspectiva sociointeracionista da linguagem (BAKHTIN, 2009), não entendemos que possa existir linguagem sem sociedade – e (muito possivelmente) vice-versa –, sendo que quaisquer modificações ocorridas nas estruturas de uma influenciam direta e profundamente na outra. Diante disso, tomamos como cenário geral das nossas inquietações o âmbito da internet, que, dentre inúmeras outras áreas, também vem passando por diversas transformações. É ali que as mais variadas instâncias dis-

cursivas coexistem e coabitam harmoniosamente, possibilitando diferentes maneiras de se comunicar que não seriam possíveis sem o apoio tecnológico. Veja-se as facilidades que se têm hoje ao alcance da mão, com um *smartphone*: a qualquer hora e a qualquer lugar, com acesso à internet, as possibilidades interativas entre os usuários desses aparelhos foram bastante ampliadas.

Embora, no decorrer dos últimos anos, a tecnologia da escrita tenha aparecido com muita veemência em diferentes gêneros na internet, já se observa que a modalidade oral da língua ganha cada vez mais espaço em práticas languageiras online, a partir de ferramentas que agora comportam chamadas de voz e vídeo (veja-se, por exemplo, sites de redes sociais como *Facebook* e *Instagram*, ou aplicativos, como *WhatsApp*), além de influenciar muitos gêneros materializados na escrita (BISOGNIN, 2008, KOMESU; TENANI, 2009).

Dessa forma, este trabalho dedica-se a discutir sobre o processamento textual efetuado por meio de gêneros discursivos, visando atingir o objetivo de investigar como determinadas marcas típicas da oralidade são recriadas e redimensionadas para a escrita de gêneros na/ da internet. Organizamos o trabalho em três subseções, além das considerações iniciais e finais, que trazem três tópicos: oralidade e escrita, produção de gêneros da internet e comprovação empírica.

### **Oralidade e Escrita**

Os discursos que se detêm à linguagem falada, começaram a ganhar mais força no contexto educacional do Brasil, após o Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta no Brasil - NURC. Esse projeto teve início em 1969, liderado por Ataliba de Castilho, e foi realizado em cinco cidades brasileiras - Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre (MENDES, 2005).

Nesse período, as ações do projeto eram direcionadas para a análise da organização formal da conversação, logo objetivavam organizar uma documentação da Língua Portuguesa culta falada no Brasil. Após certo período em 1987, após estudos realizados no Projeto NURC, foi criado o Projeto Gramática do Português Falado, destinado para a investigação do processo de sistematização da linguagem falada.

No entanto, nessa época, embora a língua oral passasse a ganhar mais visibilidade, as questões discutidas só foram impulsionadas mais enfaticamente em 1998, com o surgimento dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) período em que, de fato, a linguagem oral assume teoricamente seu lugar nas discussões de diferentes aportes teóricos. (MARCUSCHI; DIONISIO, 2007).

Ainda que, a linguagem escrita seja a mais estudada, sabemos que é como discurso oral que “seu uso passa a ser mais comum no nosso dia a dia”. Dessa forma, vale destacarmos que ambas (fala e escrita) têm seus modos próprios de realização, ou seja, “de organizar, desenvolver e manter as atividades discursivas” (MARCUSCHI; DIONISIO, 2007, p. 15). Mesmo que cada uma tenha suas especificidades, não se pode negar que existe um processo mútuo de influência na produção dessas linguagens, em seus diferentes contextos sociocomunicativos.

Acerca dessas semelhanças e diferenças apresentamos as seguintes conceituações no que diz respeito às duas modalidades da língua.

A oralidade é uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso. (MARCUSCHI, 2001, p.25).

A escrita seria, além de uma tecnologia de representação gráfica da língua com base em um sistema de notação que, no nosso caso, é alfabético, também um modo de produção textual-discursiva com suas próprias especificidades (MARCUSCHI, 2007, p. 40-41).

Como é possível observar a partir das citações de acima, cada modalidade tem as suas especificidades, materializações e/ou representações. Assim, não é concebível aceitar a conjectura dicotômica que coloca as duas modalidades da língua em polos opostos, como as que apresentamos no quadro a seguir.

**QUADRO 1**  
**Dicotomias perigosas**

<b>Fala</b>	<b>Escrita</b>
contextualizada	descontextualizada
implícita	explícita
concreta	abstrata
redundante	condensada
não-planejada	planejada
imprecisa	precisa
fragmentária	integrada

**Fonte:** Marcuschi e Dionísio (2007, p. 28).

Como apontam Marcuschi e Dionísio (2007), essas dicotomias não são fruto de resultados empíricos de uso da língua, mas de deturpações decorrentes de princípios formais e ideológicos que não demonstram o que verdadeiramente acontece nos momentos de produção textual seja oral ou escrita. Designar essas oposições não significa somente uma forma de se mostrar alheio ao que acontece realmente no que no concerne aos usos da língua, mas também um modo de demonstrar que concorda com ideias inócuas e reducionistas.

Em suma, além de não concordarmos com essas dicotomias, reforçamos que a fala e a escrita

[...] ambas têm um papel importante a cumprir e não competem. Cada uma tem sua arena preferencial, nem sempre fácil de distinguir, pois são atividades discursivas complementares [...] fala e escrita são realizações de um mesmo sistema linguístico de base, mas com realização, história e representação próprias [...]. (MARCUSCHI; DIONISIO, 2007, p. 15).

Assim sendo, embora a fala e a escrita sejam constitutivas de um mesmo sistema da língua, cada uma tem suas especificidades e funcionamentos, os quais, para serem concretizados, vão depender de diversos fatores, como os contextuais, os intencionais e os interacionais. Desse modo, é importante destacar a multiplicidade dos orais, quando Schneuwly (2004) afirma que:

Não existe “o oral”, mas “os orais” em múltiplas formas, que, por outro lado, entram em relação com os escritos, de maneiras muito diversas: podem se aproximar da escrita e mesmo dela depender – como é o caso da exposição oral ou, ainda mais, do teatro e da leitura para os outros –, como também podem estar mais distanciados – como nos debates ou, é claro, na conversação cotidiana. (SCHNEUWLY, 2004, p. 114).

Concordamos com Schneuwly (2004) no que toca à relação apontada entre escrita e oralidade. É perceptível a relação acima mencionada em gêneros como a peça teatral, que, embora seja um gênero escrito, é materializado oralmente, ou seja, ele é escrito para ser representado. Já *os chats* (ARAÚJO, 2006) são gêneros escritos que apresentam traços de oralidade. De modo diferente há a aula expositiva, que, tradicionalmente, é ministrada na modalida-

de oral da língua, entretanto, quando se chega à Educação a Distância, por exemplo, pode ser modularizada em textos escritos na internet.

Para Marcuschi e Dionísio (2007, p. 21) a única dicotomia (mais significativa) que distingue fala e escrita, é o meio utilizado. Isto significa que uma das formas mais pertinentes de se perceber a relação entre ambas, é observá-la como um contínuo de textos orais e escritos, já que esta ligação é apresentada através da produção dos gêneros textuais. Ou seja, é um equívoco “correlacionar a oralidade com a contextualidade, implicitude, informalidade, instabilidade e variação, atribuindo à escrita características de descontextualização, explicitude, formalidade, estabilidade e homogeneidade.” (MARCUSCHI; DIONISIO, 2007, p. 25).

Assim, refutando a visão dicotômica, se têm duas perspectivas – *continnum* tradicional e novo *continnum* tipológico. Entre essas visões, é enfatizada a ideia de que ambas as modalidades da língua (oralidade e escrita) devem ser lembradas muito mais por suas relações do que por suas diferenças.

Porém, segundo Marcuschi (2001), embora muitos estudos na época tenham tentado desfazer a visão dicotômica entre escrita e oralidade, isso não foi realizado com êxito, em sua concepção muitas dos equívocos acerca da questão formam mantidos na ideia de um *continnum*, denominado por ele de *continnum* tradicional.

Marcuschi (2001) explica que, na sua perspectiva (novo *continnum* tipológico), os textos são distinguidos e correlacionados, ou seja, existem aspectos da oralidade em muitos textos escritos, assim como existem em textos orais aspectos predominantes da escrita. Essa relação está totalmente dependente dos contextos socioculturais em que os usos da língua estão inseridos no momento de sua efetivação.

Diante dessas considerações, defendemos que é importante discutir o papel das modalidades oral e escrita da língua não apenas como ferramenta de comunicação, mas como formas de ação social; não há supremacia entre uma e outra modalidade da língua, mas especificidades que as tornam diferentes e importantes dentro de seus âmbitos.

Portanto, a partir de uma concepção enunciativa da linguagem, reafirmamos a ideia de um *continuum* imbricado de especificidades entre escrita e oralidade, desmistificando a noção dicotômica entre ambas.

### **Gêneros produzidos na internet: uma reflexão sobre a complexa inter-relação de diferentes recursos semióticos**

Quando tratamos das produções textuais escritas que se materializam na internet, deve-se levar em conta que é um campo de múltiplas linguagens e possibilidades de interação que está repleto de elementos multimodais e multissemióticos. Entendemos a multimodalidade aqui como “[...] um conceito introduzido e desenvolvido nas últimas duas décadas para dar conta de diferentes recursos usados na comunicação para expressar significado” (ADAMI, 2016, p. 1)<sup>50</sup>.

Eis, então, uma concepção ampla de multimodalidade, que a considera como algo inerentemente humano e social. Embora venha sendo estudada apenas nos últimos quinze anos, no Brasil, trata-se de um elemento que faz parte da natureza humana. Um exemplo são as produções artísticas pintadas nas cavernas de *El*

---

<sup>50</sup> Nossa tradução de: “is a concept introduced and developed in the last two decades to account for the different resources used in communication to express meaning” (ADAMI, 2016, p. 1).

*Castillo* na Idade da Pedra Lascada<sup>51</sup>. Como signos, tais pinturas, altamente expressivas, resguardam cenas de caça, luta, dança, além de sugerir os registros de escambos etc., sendo fundamental para o entendimento do comportamento do homem e da sociedade daquela época.

Na internet, portanto, o que ocorre não é absolutamente novo, embora se tenha permitido diferentes comportamentos sociais. Os usos de elementos multimodais são bastante salientados em busca da construção do sentido. Um desses modos de escrita bem diferentes da variante mais culta é o *internetês*, que foi disseminado com o surgimento da internet, e passou a ser uma nova forma de expressão com características bem particulares, sendo “conhecido popularmente como o português escrito – digitado”. (KOMESU; TENANI, 2009, p. 621).

Logo, a interação nesse meio, parte das variadas “formas de construção de significados realizados através da multimodalidade e da hibridação de gêneros e as possibilidades de (re) desenhar significados” (OLIVEIRA; SZUNDY, 2014, p. 194). Diante dessa hibridização, as marcas da linguagem oral presentes na escrita da internet é um fator predominante. A relação entre as modalidades é demarcada por um *continuum* tipológico entre ambas, que aparecem em polos diferentes de realização, mas compondo um mesmo sistema linguístico.

O *internetês* é tomado por um registro híbrido/misto entre fala e escrita o que acaba por caracterizá-la como uma *escrita fonetizada* (BISOGNIN, 2008). Desse modo, esta se apresenta reforçando a inter-relação existente entre ambas as modalidades da lín-

---

<sup>51</sup> A pintura rupestre mais antiga que se tem notícia tem idade de 40.800 anos. Informação disponível em: <<http://hypescience.com/descoberta-na-indonesia-pode-ser-arte-rupestre-mais-antiga-mundo/>>. Acesso em: 15 mar. 2017.

gua. Assim, se faz necessário considerar as questões expostas, visto que estamos ao tempo todo diante de novas práticas e formas de interação, que exigem o entendimento da função dos textos para a efetivação do seu uso, de acordo como a intenção de seu produtor/receptor.

O trabalho com textos da internet tem sido desenvolvido sob diferentes metodologias e analisados à luz de diferentes perspectivas teóricas. Para o objeto que ora nos debruçamos, propusemos questões metodológicas e analíticas utilizadas na Linguística de Texto e na Semiótica Social, como veremos a seguir.

### **Da Empiria**

Para esta análise, merece detalhamento o *corpus*, que é constituído por 10 exemplares de gêneros produzidos no *Facebook* no período de outubro de 2015 a outubro de 2016 e telas do *WhatsApp* do mesmo período<sup>52</sup> para a discussão de uma escrita já convencionalizada que se caracteriza pela multissemiótica. Dessa maneira, analisamos a relação existente entre a fala e a escrita na internet, bem como destacamos o modo que os elementos comuns entre ambas são redimensionados, tornando-se particularidades de uma escrita ressignificada. Cada representação exposta corresponde a um grupo de gêneros investigados e que apresentaram as mesmas características, agrupadas em diferentes categorias, conforme nos mostram as imagens a seguir.

---

<sup>52</sup> Os exemplos do *WhatsApp* aqui utilizados são telas printadas dos *smartphones* dos próprios autores – portanto, autorizados por nós – e estão nos bancos de dados dos grupos de pesquisa GLINET e ORALE.



Figura 1: Imitação do uso da fala



Figura 2: Escrita ou fala?

Nas imagens expostas acima, pode-se perceber uma tentativa de *imitação de algumas situações de uso real da fala*. Primeiro, em ambas as figuras, trata-se da imitação do gênero conversa – entre mãe e filho, neste caso específico – que tem como uma de suas características a falta de preocupação com uma variante linguística mais culta, já que é uma situação do dia-a-dia.

Os exemplos, retirados na página do Bode Gaiato, do *Facebook*, revela traços da cultura nordestina, principalmente a partir de usos linguísticos mais regionais, como “armaria”, “cuiá”, “mainha” etc. Para além disso, vê-se que a escrita utilizada na tirinha foge de padrões mais formais, que são exigidos em outros contextos. Não há uma preocupação com a grafia adequada das palavras, por exemplo, até porque o propósito da página é representar uma determinada cultura.

Uma das formas de os autores atingirem esse objetivo é buscando aproximar a escrita da maneira como se fala. Veja, por exemplo, a omissão de letras e as modificações gráficas no registro padrão, presentes corriqueiramente no grupo de gêneros analisados. Além disso, podemos destacar ainda os alongamentos de vogais,

empréstimos linguísticos, simplificação de dígrafos, retirada de vogais e a permanência em muitos casos das consoantes.

Tais pontos podem ser exemplificados de maneira bem consistente nas figuras 1 e 2, a partir dos termos “*mainha, cabôsse, oxe, bain, mar, óia, armaria, nãm*” exemplos que demarcam enfaticamente a imitação de uma situação de uso real da fala, redimensionada para o internetês. Dentro do plano da escrita, há alguns elementos que fazem parte dessa modalidade da língua, como a pontuação e a acentuação, por exemplo, que, aqui, não têm respeitadas as regras gramaticais largamente exigidas em gêneros escritos mais formais. É, na verdade, proposital que isso não aconteça, afinal, a forma aqui não importa, mas sim uma representação cultural.

Adiante, vejamos estes outros exemplos:



Figura 3. Print da tela do whatsapp



Figura 4. Printa da tela do whatsapp.

Nas telas de *WhatsApp* analisadas, as *ocorrências não lexicalizadas* foram um aspecto bem recorrente. Foi perceptível, sobretudo, que, além das abreviaturas e repetições que também se encaixam nessa categoria, diferentemente do papel que parece exercerem em outras situações, aqui elas assumem enfaticamente uma tentativa de reproduzir os sons da fala.

Essas questões demonstram, como já disseram Bisognin (2008) e Lima-Neto (2015) que a escrita da internet (*internetês*) é um fenômeno em emergência tomado como escrita fonetizada ou inferência da fala para a escrita.

Outro fator constatado no material estudado foi a *marcação de sentimentos*, através do uso de *emoticons* e *emojis*, conforme nos mostra a imagem adiante. Vejamos:



**Figura 5:** Uso de *emojis*

Além das características já destacadas que são típicas da escrita na *web*, tem-se também o uso rotineiro dos *emoticons*, que é uma “[...] modificação criativa na escrita da língua em ambiente digital, cujas características apontam para uma língua alfa numérica” (ARAÚJO, 2007, p. 28). Não se trata da mesma coisa, portanto. Os *emoticons* – ou ícones de emoção – foram criados ainda na década de 1980 e se utilizavam dos próprios caracteres do teclado que poderiam ser ressignificados, quando utilizados de uma forma determinada, podendo simular um rosto/ sentimento humano. Por exemplo, :-) podem indicar mensagens cômicas, ao passo que :( indicam um sentimento triste ou sério.

Ao discutir sobre o assunto, buscando constatar o caráter expressivo dos *emoticons* e sua significância nas conversas, (STORT, 2011, p. 119) salienta que o “*emoticon* possibilita a presentificação da mensagem além da escrita [...] Os ciberespaços dão a essas imagens um maior poder, já não mais servindo somente para ilustrar; elas, agora, tanto aumentam a qualidade da informação quanto facilitam a comunicação”. Assim, tanto os *emoticons* e *emojis* influenciam significativamente no contexto interacional em que se encontra, tal questão pode facilmente ser observada nos exemplos aqui apresentados, sendo frequentes os momentos da ausência de elementos linguísticos, fator que não comprometeu o processo de interação, pois o sentido das mensagens pode facilmente ser interpretado com a leitura dos *emojis*.

Já os *emojis* são mais recentes e podem ser considerados uma evolução dos primeiros, pois eles são “desenhos próprios e inéditos, tratados como extensões do conjunto de caracteres ocidentais usados na maioria dos sistemas operacionais da atualidade (o famoso Unicode), tal como ideogramas chineses, japoneses ou coreanos” (SOUZA, 2015, online). O que se vê na figura 5, portanto, são *emojis* e não *emoticons*. De toda forma, tanto um quanto o outro têm a intenção de expressar algum sentimento, revelando a tentativa de representar uma situação espontânea de conversação, que, em uma situação real, é assumida pelos recursos paralinguísticos, como gestos e expressões faciais, reforçando ainda mais os traços de união entre a modalidade oral e escrita da língua.

A figura 5, retirada de um grupo do *WhatsApp*, retrata a transmissão do estado psicológico/emotivo dos usuários comprometidos na conversa. Ao analisarmos o contexto em que a interação foi empregada, pode-se destacar a expressão de diferentes sentidos, por exemplo, os participantes do grupo através de elementos lin-



O alongamento das vogais, como “*xauuuuuuuu, obaaaaa, muuuuuitooooo,*” bem com a repetição dos sinais gráficos como: “*?!?!?!?!?!?!?, ??????????*” evidenciam a marcação de uma espécie de entonação na escrita, sendo claramente perceptível uma ênfase na informação repassada. Tal aspecto pode ser comparado também com o uso dos recursos prosódicos como entonação e pausa, característicos da modalidade oral da língua.

Para tanto, após realizarmos a análise, os resultados foram agrupados em cinco categorias nomeadas de “imitação de uso real da fala, ocorrências não lexicalizadas, marcação de sentimentos e repetições”, caracterizadas por aspectos típicos da oralidade, que foram recriados e redimensionados para a escrita da internet nos gêneros analisados. Esses aspectos evidenciados vêm reforçar a ressalva de Bisognin (2008) de que o internetês é um registro híbrido da fala e escrita que se encontra em um *continnum*.

### **Considerações (Semi) Finais**

Objetivamos, neste artigo, discutir como determinadas marcas típicas da oralidade são recriadas e redimensionadas para a escrita de gêneros da internet. Para tanto, ressaltamos questões que permeiam cada campo – oralidade e escrita/ e produção de gêneros na internet, a fim de contextualizarmos nossa discussão.

Assim, corroboramos com a ideia de que as práticas discursivas e os contextos situacionais atuam reciprocamente, ressaltamos a pertinência de discussões sobre uma escrita já convencionalizada e que se caracteriza pela multisssemiose – a escrita dos gêneros da internet (o *internetês*). Diante das questões expostas, podemos considerar que o *internetês* tem como uma de suas características a recriação de marcas típicas da oralidade, que são ressaltadas nos gêneros produzidos na internet a partir das categorias anteriormente

exploradas, são elas: “imitação de uso real da fala, ocorrências não lexicalizadas, marcação de sentimentos e repetições”.

Logo, as marcas da oralidade são recriadas, redimensionadas e assim (re) significadas, já que estas estão inseridas em um âmbito repleto de influências, sendo interpretadas, de acordo, com o letramento multimodal de cada leitor/interlocutor ao produzirem seus textos (orais ou escritos). Portanto, o processamento do texto falado ou escrito, exige a construção de sentidos resultantes da combinação dos mais variados recursos, sejam eles, visuais e/ou verbais.

### Referências

ADAMI, E. Multimodality. In: GARCIA, O.; FLORES, N.; SPOTTI, M. *Handbook of language and Society*. Oxford: Oxford University Press, 2016, p. 1-35.

ARAÚJO, J. C. *Os Chats: uma constelação de gêneros na internet*. 2006. 341 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará – UFC, Fortaleza-CE, 2006.

ARAÚJO, J. C. *O internetês não é Língua Portuguesa?* Vida e educação, ano 4, n. 13, p. 28-29, mar./abril. 2007.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 13. ed. São Paulo: Hucitec, [1929] 2009.

BISOGNIN, T. R. Do internetês ao léxico da escrita dos jovens no Orkut. *Anais Eletrônicos - 2º Simpósio Hipertexto e Tecnologia na educação: multimodalidade e ensino*, 2008. 18p.

KOMESU, F.; TENANI, L. Considerações sobre o conceito de “internetês” nos estudos da Linguagem. *Linguagem em (Dis)curso*, Palhoça, SC, v. 9, n. 3, p. 621-643, set./dez. 2009.

LIMA-NETO, V. de. Reflexões sobre escrita na era digital. In: ARAÚJO, A. da S.; LIMA, A. M. P.; DUARTE, A. L. M.; LIMA, J. P. R. de; (2015); OLIVEIRA, K. C. C. de. (Orgs.). *Reflexões linguísticas e literárias*. Fortaleza: HMB-Shopping das cópias, 2015.

MARCUSCHI, L. A. Letramento e oralidade no contexto das práticas sociais e eventos comunicativos. In: SIGNORINI, I. (Org.). *Investigando a relação oral/escrito e as teorias de letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

\_\_\_\_\_, L. A.; DIONÍSIO, A. P. Princípios gerais para o tratamento das relações entre a fala e a escrita. In: \_\_\_\_\_, L. A.; \_\_\_\_\_, A. P. (Orgs.). *Fala e escrita*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 13-30.

\_\_\_\_\_, L. A. Oralidade e letramento como práticas sociais. In: \_\_\_\_\_, L. A.; DIONÍSIO, A. P. (Orgs.). *Fala e escrita*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 31-55.

MENDES, A. N. N. B. *A linguagem oral nos livros didáticos de língua portuguesa do ensino fundamental 3º e 4º ciclos: algumas reflexões*. 2005. 199 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada aos Estudos da Linguagem), Programa de estudos pós-graduados: Linguística aplicada e estudos da linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

OLIVEIRA, M. B. F.; SZUNDY, P. T. C. Práticas de Multiletramentos na escola: por uma educação responsiva à contemporaneidade. *Bakhtiniana*, São Paulo, Ago./Dez. 2014.

SOUZA, R. *Você sabe qual é a diferença entre emoticons e emojis?* 2015. Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/web/86866-voce-sabe-diferenca-entre-emoticons-emojis.htm>>. Acesso em: 18 mar. 2017.

STORTO, L. J. *Emoticons: adereços às conversas virtuais?*. *ReVEL*, v. 9, n. 16, 2011. Disponível em: <[http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel\\_16\\_emoticons.pdf](http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_16_emoticons.pdf)>. Acesso em: 09 mar. 2017.

---

SCHNEUWLY, B. Palavra e ficcionalização: um caminho para o ensino da linguagem oral. In: ROJO, R.; CORDEIRO, G. S. (Orgs.). *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2004. p. 129-147.